



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e  
Crítica Literária da PUC-SP**

**nº 29 - dezembro de 2022**

<http://dx.doi.org/10.23925/1983-4373.2022i29p1-4>

**APRESENTAÇÃO**

Os eventos, polêmicas, debates e publicações decorrentes do centenário da Semana de Arte Moderna, realizada nos dias 13, 15 e 17 de fevereiro de 1922, têm constituído um foco central da vida artística e intelectual deste ano de 2022. O presente número da Revista FronteiraZ intervém nesse contexto com um conjunto significativo de materiais: um dossiê de artigos, reproduções de textos de importância histórica, uma entrevista com o Prof. Dr. Ivan Marques e três resenhas de livros recém-lançados e que buscam reinterpretar elementos fundamentais do modernismo brasileiro. A seu modo, FronteiraZ absorve nesta edição um pouco da própria diversidade das modalidades expressivas do movimento cujo principal marco histórico faz cem anos para refletir sobre algumas de suas questões centrais. De modo complementar, os temas abordados repõem essa diversidade, pois são contemplados o romance, a poesia, o documentário, as artes plásticas, o jornalismo, a revisão de pontos centrais do movimento, bem como a relativização do aspecto fundacional e exclusivista que eventualmente possa ser atribuída (ainda) a São Paulo.

O artigo *Concepção e diversidade do romance modernista: uma perspectiva para o caso brasileiro*, de Daniel Reizinger Bonomo, faz uma revisão do conceito de romance modernista na literatura brasileira a partir da problematização da dicotomia entre uns poucos romances experimentais da década de 1920 e os procedimentos do romance realista. Afinado com o debate europeu sobre o tema, defende a hipótese de que há continuidade e convívio, sempre tensionados, entre os romances realista e modernista, e não uma ruptura abrupta e definitiva. Para ampliar, então, a noção de

romance modernista, defende que se estude essas obras pela perspectiva do romance como gênero, e não como épocas e/ou estilos estanques.

*Heranças do modernismo durante a crise das vanguardas: o poema minuto na aldeia global e a palavra coloquial do cotidiano globalizado*, de Fábio Roberto Lucas, lê a poesia modernista a partir das mudanças estéticas, sociais e políticas das últimas décadas do século XX. Centrado nas poéticas de Paulo Leminski e Sebastião Uchoa Leite, confronta experimentos dos anos 1920, como a antropofagia e o poema minuto em Leminski, a prosa corrosiva e coloquial em Uchoa Leite, ao “redemoinho estético e social” dos anos 1980. Assim, a poesia da década modernista é submetida, de modo crítico e produtivo, à lente mais atual das crises estéticas e do mundo unificado pela mercadoria.

Em *A (re)escrita das narrativas negras nas bordas da Semana de 22*. Emicida: *Amarelo – é tudo pra ontem*, Lucas Toledo de Andrade mobiliza referências teóricas como Achille Mbembe, Angélica Melendi e Walter Benjamin para abordar a narrativa audiovisual de Emicida, lançada em 2020. Adiantando-se às revisões críticas do centenário, Emicida elabora traumas e opera reversões, reinterpretando a Semana pela perspectiva do indivíduo negro inserido na sociedade contemporânea. Assim, o evento que Emicida protagoniza no Theatro Municipal se instaura como um ajuste de contas racial com a Semana de 22.

No artigo *O ‘momento do riso’ dos modernistas: acontecimento e estesia em O Homem Amarelo*, de Anita Malfatti, Nayara Christina Hermínia Carrijo parte do encontro de Mário de Andrade com o quadro de Anita Malfatti para proceder a uma leitura detalhada de “O Homem Amarelo” como “acontecimento” no modernismo brasileiro e como configuração estética específica. Para isso, baseia-se na semiótica figurativa e plástica, bem como na semiótica tensiva. Assim, a leitura da obra como parte da história artística se une a uma reflexão teórica sobre a natureza do quadro de Anita Malfatti.

O artigo *O projeto modernista de Mário de Andrade e a figuração de identidades em contraponto: uma análise da crônica jornalística “Arte em S. Paulo – II”*, de Lourdes Ana Pereira da Silva, Maria Auxiliadora Fontana Baseio e Manoel Francisco Guaranha, localizam em um texto específico os embates entre passadismo e modernismo nos anos 1920. Tendo por foco a crônica jornalística como veículo de divulgação do projeto estético e político do modernismo, analisa-se a construção de

identidades operada por Mário de Andrade ao debater a arte moderna pela contraposição entre um ficcional escultor Meloni, hesitante quanto aos procedimentos artísticos, e o perfil mais bem definido do modernista Brecheret.

Uma seção especial deste número de FronteiraZ se abre para a reprodução de quatro textos importantes para a revisão historiográfica do modernismo brasileiro. Leandro Pasini expõe em *Arquivos do modernismo: nota introdutória* os horizontes abertos por esse tipo de recuperação de material primário, em que tanto questões temporais, quanto geográficas podem ser repensadas. São reproduzidos dois textos de Mário de Andrade: *Crônica de arte. Os jacarés inofensivos* e *Crônica de arte. Convalescença*, ambos publicados na *Revista do Brasil*; *Um concurso Futurista*, página anônima da revista pernambucana *A Pílhéria*; e *Os novos do Piauí*, texto que Gilberto Freyre publica com o pseudônimo J. J. Gomes Sampaio na segunda fase da *Revista do Brasil*.

Intercalados e em contraponto com o dossiê e demais abordagens do modernismo brasileiro, Fronteiraz traz ensaios que ressaltam tanto a pluralidade quanto o rigor teórico das reflexões trazidas. Aí entram a força da prosa de ficção de países africanos, o imaginário que uma metrópole cosmopolita produz em uma periférica, bem como as formas do memorialismo.

No ensaio *Paris no imaginário cultural e literário do Rio de Janeiro fin-de-siècle*, Gilda Vilela Brandão analisa criticamente a presença cultural francesa na passagem do século XIX ao XX na capital da República brasileira. Por um lado, vê como superficial e acrítica a adesão a uma “ideia” do que seria a França, por outro, aprofunda-se na estética simbolista francesa e investiga as razões da pouca atenção que o simbolismo brasileiro recebeu no Brasil, com destaque para a poesia de Cruz e Sousa.

No ensaio *Vozes africanas poetizadas: a palavra contada na palavra escrita*, Elisabete Alfeld analisa a vida danificada pela guerra de personagens, narradores e narradoras das obras “A Carta” e “Caderno de Knidzu”, de Mia Couto. Enfatiza o pacto entre narrador e leitor para que a palavra lida seja também ouvida, e que, assim, seja aberta a possibilidade de ficcionar a realidade e poetizar as ausências.

*The close bond between ogbanje daughters and their fathers in the novels Things Fall Apart and The Bride Price*, de Ewerton Batista Duarte, estuda o fenômeno denominado “ogbanje/abiku” nas culturas ibo e iorubá (hoje partes constitutivas, entre outros grupos étnico-culturas, da Nigéria). No âmbito dessas crianças que morrem e renascem na mesma mãe, o ensaio acompanha as complexas relações de gênero nos

romances *O mundo se despedaça*, de Chinua Achebe, e *O preço da noiva*, de Buchi Emecheta.

Em *O memorialismo na prosa de Paulino de Oliveira*, Maria Alice Ribeiro Gabriel explora a importância dos arquivos de escritores e percorre a escrita do autor e sua relação com Juiz de Fora. Ao se utilizar das crônicas jornalísticas para compor a sua escrita memorialística, Paulino de Oliveira traz uma escrita que se move entre o autobiográfico e o ficcional, pondo em xeque as fronteiras estabelecidas entre os gêneros.

A seção Resenhas se conecta, de certa forma, com o dossiê sobre os cem anos da Semana de Arte Moderna. Carlos Moacir Vedovato Júnior apresenta *Primas modernistas: lógica dos grupos e o modernismo brasileiro*, enfatizando os elementos teóricos trazidos pelo estudo, como a descentralização literária e a relação entre o modernismo e a obra de Antonio Candido. Suzie Marra discute *As vozes da metrópole*. Uma antologia do Rio dos anos 20, de Ruy Castro, e destaca o trabalho de pesquisa e descoberta presentes no livro, para além de seu componente de polêmica. Por fim, Rafael Rocha Pansica aborda *Duas formações, uma história: das ideias fora do lugar ao perspectivismo ameríndio*, apontando sugestões e desequilíbrios na aproximação/polarização feita por Fischer entre as obras de Roberto Schwarz e Eduardo Viveiros de Castro.

Esta edição de FronteiraZ se encerra com uma entrevista do Prof. Dr. Ivan Marques, cujos estudos sobre modernismo brasileiro e a obra de João Cabral de Melo Neto são referências para qualquer pessoa interessada por esses temas. De modo claro e complexo, suas respostas confrontam tanto a profundidade histórica quanto a atualidade do modernismo brasileiro. O que comemorar (e não comemorar) nesse centenário da Semana de Arte Moderna; as contradições, a diversidade e, sobretudo, as questões trazidas pelo movimento; a relação entre a poesia de João Cabral de Melo Neto e a poética de Mário de Andrade; o legado modernista presente no Cinema Novo; os vasos comunicantes entre a obra de Machado de Assis e a produção dos modernistas são alguns dos pontos esclarecidos por Ivan Marques. A amplitude e a qualidade da reflexão trazidas enriquecem o nosso conhecimento do modernismo e da arte brasileira como um todo.

*Prof. Dr. Leandro Pasini*

*Profa. Dra. Vera Bastazin*